



O romance *Quarup*, de Antônio Callado: entre a literatura e a crise brasileira (1967-1972)

André Francisco Berenger de Araujo¹

RESUMO

O artigo pretende examinar a repercussão, nas páginas do *Jornal do Brasil*, do romance *Quarup*, publicado por Antônio Callado em 1967. A análise quer mostrar o modo pelo qual o livro foi lido como um romance que expressava a complexidade das diferentes saídas políticas em jogo durante aquele momento de crise. Neste sentido, *Quarup* era lido como um romance da “crise brasileira”. Mais que isso, já naqueles anos, *Quarup* era percebido como um momento de inflexão e transformação das formas literárias no Brasil. Por último, pretende-se sugerir, a partir das consequências do AI-5 e da censura para as atividades do próprio Antônio Callado, como a ação da ditadura militar restringiu o debate cultural e artístico, contribuindo para limitar os horizontes da imaginação política do período.

Palavras-chave: Antônio Callado. Quarup. Literatura. Ditadura militar.

**The novel *Quarup*, by Antônio Callado: between literature and the Brazilian crisis
(1967-1972)**

ABSTRACT

The article intends to examine the repercussion, on the pages of *Jornal do Brasil*, of the novel *Quarup*, published by Antônio Callado in 1967. The analysis wants to show the way in which the book was read as a novel that expressed the complexity of the different political issues at stake during that moment of crisis. In this sense, *Quarup* was read as a novel about the “Brazilian crisis”. More than that, already in those years, *Quarup* was perceived as a moment of inflection and transformation of literary forms in Brazil. Finally, it is intended to suggest, based on the consequences of AI-5 and censorship for the activities of Antônio Callado himself, how the action of the military dictatorship restricted the cultural and artistic debate, contributing to limit the horizons of the political imagination of the period.

Keywords: Antônio Callado; Quarup; literature; military dictatorship.

¹ Professor na rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro. Doutorando em História Social no Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3496986124036412>. E-mail: andrefrancisco21@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Antônio Callado (1917-1997) era já um jornalista e um intelectual com alguma relevância no cenário cultural e político brasileiro em meados da década de 1960. Na década de 1940, foi correspondente do jornal *Correio da Manhã* na Inglaterra, em plena Segunda Guerra Mundial. Nos anos 1950, foi convidado pelo magnata das comunicações Assis Chateaubriand para acompanhar uma expedição ao Xingu e escrever uma reportagem especial. No final da década, suas reportagens sobre os camponeses em Pernambuco foram importantes para a repercussão nacional do tema da reforma agrária, no contexto da formação das Ligas Camponesas. No início dos anos 1960, as reportagens sobre as transformações implementadas pelos governos de Miguel Arraes na prefeitura de Recife e no governo do estado tiveram impacto similar.²

Quarup foi publicado por Antônio Callado em meados de 1967 e teve, como teremos a oportunidade de acompanhar, uma repercussão bastante ampla entre o círculo de leitores que temos acesso a partir do exame dos jornais da época. Rapidamente, teve reedições e logo traduções para o inglês, francês e espanhol. O romance narra a trajetória de Nando (CALLADO, 1967), inicialmente um padre em Pernambuco que, como várias descrições do livro reafirmaram, “despe-se” de sua batina e de sua visão idealizada do mundo. Essa “despedida” do mundo “barroco” (como também aparece descrito o universo simbólico do personagem do início do romance) é atravessada por uma série de situações que colocam à prova as crenças iniciais do personagem e desafiam Nando a assumir uma perspectiva complexa e contraditória sobre seu lugar no mundo. Inicialmente, Nando é apresentado planejando uma ida ao Xingu, por acreditar serem os índios dotados de uma pureza original e capazes de constituir uma verdadeira comunidade cristã, algo inspirada nas imagens sobre os Sete Povos das Missões. Esta primeira parte ainda é atravessada pelos conflitos entre camponeses e latifundiários, nas origens do que seriam as Ligas Camponesas, e pelos próprios dilemas sexuais de Nando, que viveria atormentado pela falta de confiança no seu próprio voto de castidade.

O momento central do romance – após um período no Rio de Janeiro, onde faz contatos para a viagem e resolve algumas das questões que o atormentavam anteriormente – é passado

² Baseamo-nos na tese de Lilian Juliana Martins sobre a atividade jornalística de Antônio Callado (MARTINS, 2018).



no Xingu, onde rapidamente aquelas imagens idílicas são desfeitas. Em certa medida, estes capítulos poderiam ser descritos como uma série de situações que mostram as dificuldades no encontro entre o Estado e os grupos indígenas. A expedição ao centro geográfico do país, ao mesmo tempo em que se busca uma personagem que teria fugido com um indígena, é marcada não só pelo encontro de um enorme formigueiro, mas também pelo encontro com um grupo de indígenas atingido por uma epidemia de sarampo e que se esvai em diarreias. A cena parece querer evidenciar a tragédia que tem sido estes contatos na história brasileira e a dificuldade de se constituir o país enquanto nação.

O longo romance se desdobra ainda com a volta de Nando a Pernambuco, já sem a batina, onde se envolve com um projeto de educação popular e alfabetização de adultos, segundo os princípios desenvolvido por Paulo Freire. A politização crescente do grupo no qual Nando está envolvido tem consequências importantes quando também a situação política se acirra e o golpe de 1964 encerra brutalmente esse momento da trajetória do personagem. Ele e outros camponeses são presos e torturados, sua companheira sai do país e a escola em que trabalhavam é desfigurada, ganhando o aspecto de um ambiente que definiria aquilo que Paulo Freire chamaria de educação bancária. Nando vive um período de desilusão, ao mesmo tempo que experimenta o sexo, ainda em Pernambuco e no meio da gente simples e afastada do centro urbano. O acirramento da situação política do país leva Nando a novos encontros com antigos conhecidos e, numa cena que remeteria à santa ceia para uns e a um ritual antropofágico para outros, assume o nome de um amigo assassinado por latifundiários no início do romance e parte para o sertão em direção a um grupo que começaria uma luta armada contra o governo dos militares.

Quarup, a partir da sua publicação e nas décadas seguintes, é mobilizado, com diferentes matizes teóricos e políticos, para a interpretação das condições e do clima artístico e cultural do período. Eduardo Jardim, no ensaio recente *Tudo em volta está deserto*, monta uma constelação com três expressões culturais distintas para jogar alguma luz na dinâmica cultural do Brasil entre a década de 1960 e 1970 (JARDIM, 2017). O autor destaca o romance *Quarup*, o espetáculo da Gal Costa *Gal a todo vapor* de 1971 e as poesias de Ana Cristina César de finais da década de 1970 para sugerir uma transformação que se relaciona com a dinâmica política e social do Brasil no período da ditadura. Sobre *Quarup*, o ensaísta descreve o desenvolvimento do romance, mostrando a amplitude dos problemas que a obra elabora. Para Jardim, estas



questões estariam relacionadas com os conflitos centrais da sociedade brasileira no período, figurados na trajetória de “deseducação” do personagem Nando, conforme também descrevemos acima.

O ensaio descreve, ainda, alguns aspectos centrais da trajetória de Antônio Callado que teriam sido importantes para a realização do romance. A atividade jornalística de Callado teria alimentado a sua ficção em pelo menos duas situações destacadas por Jardim: a viagem ao Xingu no início dos anos 1950 para uma reportagem sobre o desaparecimento de um viajante inglês que buscava, nos anos 1920, uma cidade perdida no centro do país; e o período, no início dos anos 1960, que passou em Pernambuco acompanhando os acontecimentos desencadeados pelas atividades das Ligas Camponesas. As duas viagens renderam reportagens reunidas em livros lançados não muito depois. O autor ainda se debruça, mais rapidamente, sobre a trajetória e as publicações de Callado posteriores a *Quarup*, destacando como a luta contra a ditadura ainda permaneceria presente nos temas dos seus livros, embora, segundo o ensaísta, a partir de um tom algo mais desiludido e crítico das iniciativas malogradas do início dos anos 1970 (JARDIM, 2017).

Na historiografia dedicada ao período da ditadura, Marcelo Ridenti, em *O fantasma da revolução brasileira*, faz uma leitura um pouco plana do personagem Nando – indo de um padre-intelectual para um guerrilheiro-popular, que se despiria de suas vestimentas para enfrentar heroicamente a ditadura militar, num encontro idílico entre o intelectual e o povo (RIDENTI, 2010, p. 117). Entretanto, os personagens com os quais Nando se depara e as situações nas quais ele se transforma parecem deixar as coisas algo mais complexas. Ridenti acaba por imputar em *Quarup*, talvez apressadamente, um romance que seria uma propaganda da luta armada, embora bastante sofisticada. Sua interpretação direciona o leitor a restringir o lugar mais amplo que *Quarup* pode ter ocupado no período, relacionado às formas contraditórias que assumiriam as saídas políticas da crise que se estabelecera, principalmente a partir de 1964. Em determinado momento, Ridenti afirma que o Antônio Callado de *Quarup* e outros intelectuais “encastelaram-se numa posição defensiva em relação à modernização industrial e tecnológica que o regime militar veio impor, mantendo as propostas estéticas anteriores ao golpe e ressaltando o apego às tradições populares pré-capitalistas” (RIDENTI, 2010, p. 88).



O fim harmônico entre intelectual e povo que Ridenti supõe em *Quarup* é uma leitura que pode ser problematizada, na medida em que, como o crítico Roberto Schwarz afirma em ensaio escrito pouco tempo depois de publicado o romance, esse “final” estaria em um capítulo não escrito do livro. Para Schwarz, se *Quarup* de fato representava ideologicamente a intelectualidade de esquerda dos anos 1960, isso se dá de maneira singular. Assim, se, em *Quarup*, um intelectual “despe-se de sua profissão e posição social” (SCHWARZ, 2005, p. 58) e integra-se à luta do povo, esse momento final, como Schwarz nota com perspicácia, está em um capítulo posterior, não escrito, do livro e, portanto, inacabado e incerto. Além disso, a experiência vivida por Nando no decorrer do romance torna mais complexa a composição do personagem no último capítulo, quando se une de armas na mão a uma luta no interior do país contra o governo militar que tinha se instalado. Ridenti, enfim, parece querer enfatizar *Quarup* como símbolo e profecia da esquerda que partiria para a luta armada (ou que, ao menos, simpatizaria com essa alternativa). Esse ponto de vista não consideraria, entretanto, uma série de questões da própria forma do romance, que pode fornecer elementos para uma interpretação um pouco mais complexa do problema.

Ligia Chiappini, em um artigo dos anos 1990 no qual examina *Quarup* e sua repercussão, parece contribuir para a complexificação da interpretação do romance, como sugerimos acima. Chiappini argumenta sobre o modo como *Quarup* realiza o embate, na sua própria trama, das posições que movimentavam a cena pública do Brasil nos anos 1960 (CHIAPPINI, 1994). A caracterização dos personagens produziria, segundo a autora, uma polifonia no romance que colocaria em diálogo vozes significativas dos grupos e classes sociais que disputavam a sociedade brasileira, mostrando suas fragilidades parciais e o caráter de crise do período. Neste sentido, a repercussão de *Quarup*, que marcou diferentes perspectivas políticas do período, estaria relacionada à atenção das próprias expectativas políticas e sociais dos diferentes atores da época. A própria opção pela luta armada, figurada no romance, ganharia densidade. Chiappini destaca, ainda, o modo pelo qual *Quarup* sobreviveria a seu próprio tempo, e ganharia uma atualidade renovada. *Quarup* se tornaria, segundo a autora, um desses “lugares de memória” que expressam não só o passado ao qual ele pertence, mas, talvez principalmente, colocam em evidência uma relação específica do presente com esse passado. Para Chiappini, *Quarup* ocupa esse lugar quando elabora, mais ou menos implicitamente, uma

reflexão e uma crítica sobre a relação entre os intelectuais e as classes populares no período e que reverberaria naquele momento político que ela mesma escreve.³

Em uma perspectiva que considera a história das formas literárias, Pedro Chagas identifica em *Quarup* um indício de uma lenta transformação na literatura brasileira na direção de uma diversidade do romance, que daria seus primeiros sinais naquela década. Esta transformação estaria relacionada, sobremaneira, ao aumento da complexidade da sociedade no período. No argumento de Pedro Chagas, torna-se cada vez mais fora de perspectiva a tentativa de buscar-se a figuração da totalidade do modo em que era realizada até então, por meio de metonímias que apontariam para uma interpretação geral da sociedade brasileira:

‘Romance de arquivo’, *Quarup* não representa a totalidade brasileira pela seleção de tempos e locais específicos tomados como metonímias do país (imagens reveladoras da sua ‘essência’), mas através da passagem do tempo que expõe uma longa sequência de lugares e de cadeias de acontecimentos que apenas ao final são unificados pela projeção de um inimigo comum: a ditadura militar (CHAGAS, 2014, p. 260).

Quarup, embora sem abandonar todos os princípios de um certo modelo da estética realista, assumiria a dificuldade em encontrar um elemento que seria símbolo da realidade nacional, e direciona seus esforços, na trajetória descontínua do protagonista, na justaposição de fragmentos distribuídos diacronicamente do enredo. Esta estratégia seria um sintoma sutil da lenta transformação da literatura brasileira da segunda metade do século XX e apontaria, igualmente, para a importância singular de *Quarup* no cenário cultural e literário dos anos 1960.

Neste sentido, pretendemos, neste artigo, desenvolver dois argumentos sobre a trajetória do romance de Antônio Callado. Em primeiro lugar, ao analisar a recepção de *Quarup* em um dos principais jornais do Rio de Janeiro do período, queremos argumentar que o romance foi lido, nos círculos intelectuais que liam e escreviam nos jornais da cidade, em grande medida, como um romance sobre a crise pela qual passava a sociedade brasileira. Este debate contribuía para fomentar a discussão sobre a complexidade das soluções implicadas nas saídas políticas que se colocavam a partir do golpe de 1964. Mais ainda, *Quarup* expressava também um dos sinais de uma certa crise da própria forma do romance, relacionando a crise social e política com a crise da forma da arte.

³ Esse ensaio foi incluído, junto de outros que ampliam o olhar sobre *Quarup* e a trajetória do seu autor, em *Antônio Callado e os longes da pátria* (CHIAPPINI, 2010).



Em segundo lugar, e mais brevemente, queremos sugerir como o acirramento da ditadura a partir do AI-5 em dezembro de 1968 limitou não só a circulação de bens culturais e artísticos, a partir da censura e das prisões que se sucederam, mas, também significativamente, suprimiu em grande medida o debate sobre as dimensões da complexidade da realidade brasileira que ainda aparecia nos jornais. Assim, uma parte dos debates em torno das contradições sociais e culturais do Brasil ficaram limitadas pelas alternativas binárias impostas pela ditadura. Para isso, analisamos os documentos produzidos por ocasião da investigação sobre as atividades de Callado para a cassação de seus direitos políticos a partir do final de 1968, mas também o modo pelo qual a publicação do próximo livro de Callado, *Bar don juan*, é acompanhado do silêncio expressivo nas páginas dos jornais que meses antes discutiam calorosamente *Quarup*, do mesmo autor. Sem querer resumir o conjunto de problemas da sociedade e cultura brasileiras às discussões sobre a repercussão de *Quarup*, acreditamos que este pode ser um bom indício para continuar jogando luz sobre alguns aspectos de um período fundamental da história recente no Brasil.

2 CRISE BRASILEIRA, CRISE DO ROMANCE

O primeiro tipo de repercussão que podemos perceber nas páginas do *Jornal do Brasil* é aquele que reconhece as qualidades literárias do romance e exalta o sucesso de vendas do livro, assim como suas traduções e reedições. Poderiam ser incluídas aí as notas que querem dar conta de situações nas quais *Quarup* é um elemento. Sem pretender tomar esse tipo de nota como retrato fiel da realidade, podemos interpretá-la como a intenção, às vezes irônica, de registrar o impacto das ideias expressas no romance nos círculos letrados da cidade. Assim, dois meses depois da publicação do livro, um exemplo desse tipo de nota aparece na seção “Informe JB”: “Ontem, no botequim do Lili, era proibido falar. Estavam todos lendo *Quarup*, de Antônio Callado. O livro exige concentração” (JORNAL DO BRASIL, 18.07.1967, p. 10). Em um tom mais irônico, meses depois, mas que leva em conta a repercussão do romance, uma colunista diz que acontece com um certo livro recém-publicado o que teria acontecido um ano antes com a publicação de *Quarup*: “Muita gente não leu, mas porque ficou na moda todo mundo fala dele como se tivesse lido” (JORNAL DO BRASIL, 17.04.1968, p. 29). Cerca de cinco anos depois de publicado, a importância do livro ainda é notada quando um jornalista faz questão de observar que o romance estava sendo lido por um tipo que, supostamente, não



pertenceria ao círculo mais ou menos restrito de letrados da cidade. Em uma visita ao Museu de Arte Moderna para a exposição do artista plástico Alfredo Volpi, em 1972, “um pormenor observado pelo repórter e que dá ideia da atmosfera cultural reinante do MAM: o ascensorista estava lendo *Quarup*, de Antônio Callado” (JORNAL DO BRASIL, 31.10.1972, p. 16).

As primeiras notas que anunciam a publicação do romance descrevem ainda de maneira abstrata o seu enredo, mas ressaltam a importância que o livro poderia vir a ter no cenário cultural e literário brasileiro. Em uma página de “Panorama das letras”, o livro é anunciado e descrito como “evolução de um brasileiro a partir de uma visão barroca e abstrata do mundo (o herói é, no início, padre) e que acaba na plena aceitação do Brasil desnorteado e sem lideranças mas com uma cega fé no que há de vir” (JORNAL DO BRASIL, 02.06.1967, p. 22). Em outras edições, são destacadas passagens do enredo que poderiam despertar a curiosidade do leitor. Quando Callado publica um texto no jornal, como colaborador, sua assinatura vem seguida de uma apresentação como “autor de *Quarup*”,

que dá uma visão de um quarto de século de Brasil em que cidades, o interior, os indígenas se encontram nos seus diferentes planos de vida e de crença. Às vezes se encontram de fato, como quando o tuxaua Uruaco e o chefe Vargas morrem, ou como quando um eclipse lunar assusta os brasileiros em geral e os selvagens também: o eclipse do dia em que renunciou Jânio (JORNAL DO BRASIL, 17.06.1967, p. 31).

Algumas destas notas, ao mesmo tempo que reconhecem e promovem as vendas do livro, destacam algumas características formais e o conteúdo que o livro tenta alcançar. Em mais um “Informe JB”, a nota descreve o impacto que o romance pode ter para interpretar a realidade brasileira e comenta a variedade de temas que compõem o enredo, além de indicar o engajamento que o protagonista assume progressivamente: “indispensável para estar bem com a civilização brasileira. O livro é um panorama que abrange um Brasil que vai dos tempos da Coluna Prestes aos dias de hoje e mostra a transformação de um homem que parte de uma concepção barroca da vida para uma total aceitação dos problemas do seu tempo” (JORNAL DO BRASIL, 20.06.1967, p. 10). Poucos dias depois, um novo comentário sobre *Quarup*: a nota destaca a trajetória de Antônio Callado como jornalista e aponta o caráter engajado do livro, embora possa ter simplificado os dilemas do personagem principal, talvez querendo atender alguma expectativa de leitura do jornal:

Callado consolidou a sua visão do drama brasileiro após um convívio prolongado com o camponês do Nordeste, quando publicou uma série de reportagens sobre os industriais da seca, de Pernambuco, e uma peça teatral *Forró no Engenho Cananéia*. Intelectual participante no bom sentido, sem submissão a qualquer dogma



incompatível com a realidade do País, Callado enfoca em *Quarup* a figura de um padre que se descobre a si próprio, despindo o hábito e os preconceitos para atingir o seu momento de glória (JORNAL DO BRASIL, 04.07.1967, p. 24).

Na mesma semana, um “Informe JB” comenta as vendas de *Quarup*, mas destaca particularmente a qualidade literária do romance. Os pontos importantes para a nota seriam a vivência política dos personagens e o debate de ideias no interior do enredo, que aconteceria sem maniqueísmos. Segundo a nota, esse aspecto seria fundamental para a repercussão que a obra estava alcançando. O livro teria agradado pessoas tão diferentes como Leandro Konder e Hélio Pellegrino, “gregos e troianos”, o que mostraria a força do livro. Alguns aspectos do livro são também destacados na nota, justamente aqueles que parecem revelar não só o engajamento do autor em investigar as questões da história próxima do país, mas também os aspectos mais sensíveis do tratamento figurativo das cenas dos encontros com os indígenas:

A marcha de um grupo desbravador, rumo ao centro geográfico do Brasil, acompanhado pelo espectro de uma tribo atacada de sarampo, é página antológica. A alfabetização realista com que camponeses pernambucanos são iniciados na vida, os acontecimentos de 64 refletidos nos personagens, a jornada de padre Nando até a santidade profana, a presença da selva captada sem o sentimento do pitoresco, enfim, a descoberta do Brasil pela depuração do barroco, compõem um livro que marcará época (JORNAL DO BRASIL, 08.07.1967, p. 10).

Quarup começa a ser lido, então, como “um romance da crise brasileira”⁴. O contraponto entre dois artigos que abordam o romance pode ser útil para examinar as questões envolvidas neste ponto. O primeiro, assinado por José Carlos Oliveira, destaca a profundidade com que trata os problemas nacionais: “cada parágrafo me obriga a interromper a leitura para meditar”. O cronista do *Jornal do Brasil* imprime em *Quarup* uma oportunidade para perscrutar a “alma brasileira”, diante das situações que o romance narra: “Vocês já ouviram falar nas Missões? Na antecipação brasileira do socialismo, experimentado pelos jesuítas? Pois então, leiam *Quarup*. Se me oferecessem 45 dias de confinamento numa ilha distante, eu levaria esse romance para lá e ficaria de papo para o ar, decifrando através de Callado a alma brasileira” (JORNAL DO BRASIL, 25.07.1967, p. 25).

Poucos dias depois, entretanto, um artigo não assinado abre sua posição sobre *Quarup* a partir de uma polêmica com o texto de José Carlos Oliveira. Uma passagem do seu texto é citada para, em seguida, se sugerir outra forma de descrever o romance, provocando um efeito distinto

⁴ A expressão aparece em, pelo menos, duas ocasiões: JORNAL DO BRASIL, 04.07.1967, p. 25; e JORNAL DO BRASIL, 15.07.1967, p. 39.



no leitor. A menção idílica ao socialismo brasileiro dos Sete Povos das Missões (imagem relacionada à situação inicial do protagonista, antes de “despir-se”) é substituída pela condensação das variadas situações-limites pelas quais o personagem principal atravessa:

- Vocês já ouviram falar nas Missões? Na antecipação brasileira do socialismo? Pois, então, leiam *Quarup*.

Assim descreve o cronista José Carlos Oliveira sobre o romance de Antônio Callado. Mas há uma outra forma:

- Vocês já ouviram falar em Brasil? Na antecipação romanesca da revolução brasileira? Pois, então, leiam *Quarup* (JORNAL DO BRASIL, 01.08.1967, p. 25).

O primeiro artigo, embora pareça ter a intenção de elevar o romance a um nível alto de elaboração de ideias, é questionado por deixar de lado o que, para o autor anônimo, parece ser fundamental em *Quarup*: o caráter dinâmico da realidade brasileira, e não um ideal idílico de um socialismo questionável e distante no passado. A sugestão de José Carlos Oliveira de levar *Quarup* para uma “ilha distante” reforça o contraste que queremos chamar a atenção entre esses modos de leitura. O segundo artigo, ao contrário, destaca “a revolução brasileira”, que *Quarup* anteciparia de forma romanesca, destacando o engajamento que o romance poderia oferecer nos dilemas e saídas políticas daquele momento crítico da história brasileira.

A leitura de *Quarup* como expressão de um certo idílio natural, que contrasta com a leitura que enfatiza o engajamento na crise brasileira, também pode ser percebido em uma notícia de 1972 que dá a conhecer uma holandesa de 21 anos que teria saído da Europa e ido viver no Xingu, “em busca de uma ‘naturalidade’ que ela diz não encontrar mais na Europa”. Embora o texto possa conter alguma ironia que tenha ficado perdida no tempo que nos separa daquele contexto, a menção ao romance de Callado não faz questão de comentar o sentido problemático que assume a situação vivida pela personagem que foge para viver com um indígena. A naturalidade com a qual *Quarup* é citado sugeriria que o romance trata de um encontro idílico no meio da natureza, quando parece se tratar de um aspecto central dos conflitos que o romance dramatiza.⁵ Segundo a notícia, a holandesa “não leu ainda *Quarup*, de Antônio Callado, mas admite que repita Sônia, uma das personagens do livro, que largou a civilização e foi viver com os índios na solidão das matas do Xingu e seus afluentes” (JORNAL DO BRASIL, 03.04.1972, p. 29). Em 1968, o *Correio da Manhã* dá a conhecer uma história similar:

⁵ Destacamos aqui o comentário de Pedro Chagas que toca este aspecto do romance: em *Quarup*, Callado não pretende representar o indígena, mas restringe-se à figuração das “ideações sobre ele produzidas pelo ‘homem branco’ - as únicas que ele poderia conhecer, e que se revelavam frágeis diante da violência da ocupação do território. (...) na narrativa de Callado não há lugar para idealismo” (CHAGAS, 2014, p. 259).



“Uma antropóloga americana veio ao Brasil e conseguiu autorização para fazer uma viagem de estudos ao Parque Nacional do Xingu. Lá ficou durante algum tempo e tal e qual Sônia, uma das personagens do *Quarup*, de Callado, apaixonou-se por um índio e nove meses depois teve um bebê” (CORREIO DA MANHÃ, 01.06.1968, p. 7).

Diferentemente, uma série de outros comentários que aparecem no jornal sobre *Quarup* ligam seu enredo aos dilemas centrais da sociedade brasileira, considerando as saídas políticas, inclusive a luta armada sugerida no desfecho do romance, como resultados internos da crise social e política do Brasil. No jornal *Correio da Manhã*, em janeiro de 1968, Edmundo Moniz assina um artigo em que descreve o modo como

Quarup reflete o desenvolvimento combinado e desigual da sociedade brasileira que vai da comunidade primitiva dos índios até o estado atual do capitalismo. É igualmente importante pelo fundo e pela forma. Não chega à propaganda política. Mas contribui para termos uma visão panorâmica do Brasil do nosso tempo.

O artigo destaca as balizas históricas do livro, descreve a importância da figuração das Ligas Camponesas, assim como dos momentos do golpe de 1964 e das cenas de tortura vividas pelo protagonista e outros personagens e destaca o sentido crítico que assume no enredo a fuga da personagem Sônia com o indígena, já mencionada outras vezes: “não se trata de um retorno ao idílio romântico de Ceci e Peri, e sim de uma ação realista onde o sexo tem forte preponderância bem como o desejo telúrico de fugir da civilização e voltar à natureza” (CORREIO DA MANHÃ, 13.01.1968, p. 14).

No *Jornal do Brasil*, em setembro de 1967, Barbosa Lima Sobrinho examina *Quarup* em várias dimensões. Para nós, por enquanto, cabe destacar o modo pelo qual o crítico elabora a complexidade do romance de Antônio Callado, que resistiria a uma leitura demasiadamente unilinear. Para ele, *Quarup* se destaca não por oferecer *uma* alternativa política para aquela geração, mas justamente por descrever os impasses e encruzilhadas que esta enfrentaria naqueles tempos. As tomadas de posição em *Quarup* não estão dadas, mas estariam sendo meditadas por toda uma geração. Vale citar longamente o último parágrafo de Barbosa Lima Sobrinho:

Livro denso, livro de pensamento, que precisa ser meditado, para que seus intuitos e sua influência não se percam numa interpretação superficial. Livro de observações agudas, mistura de desalentos e esperanças, que caminham lado a lado, como na vida cotidiana. Livro que surge como a confidência de uma geração, que já não sabe como reagir, ou sobreviver, em face de uma realidade que a esmaga. ‘Temos de fabricar mitos’ - declara o autor, mas sente-se que ele próprio não sabe quais sejam esses mitos,



nem mesmo se convém, de fato, que eles sejam criados. Por isso mesmo *Quarup* é um livro amargo, como a procura de estrelas na mais escura das noites, quando a própria alma não sabe como trancar-se ao desespero e à solidão (JORNAL DO BRASIL, 04.09.1967, p. 6).

A ligação de *Quarup* com as lutas políticas daqueles anos não é, evidentemente, passível de ser desconsiderada. Um artigo do próprio Callado, no mês de publicação do seu romance, comenta o livro *Revolução na Revolução*, de Régis Debray. No primeiro parágrafo, o autor mobiliza as *Teses sobre Feuerbach*, de Marx, nas quais se afirma que os filósofos até então se limitavam a interpretar o mundo e, dali em diante, importava concentrar-se em transformá-lo. Callado descreve a trajetória e o pensamento de Debray, que se juntara à luta armada de Che Guevara na Bolívia, sendo “o primeiro filósofo armado que apareceu no mundo” e adverte: “o General Barrientos, da Bolívia, que se cuide” (JORNAL DO BRASIL, 17.06.1967, p. 31).

Em setembro de 1967, o jornal noticia que o jornalista Hélio Fernandes teria voltado ao Rio de Janeiro, depois de sessenta dias preso. Na nota, Hélio Fernandes afirma que continuaria a escrever contra o governo e que leu vários livros na prisão: “*Quarup*, de Antônio Callado, foi o livro que mais impressionou o jornalista, que considerou este ‘um dos fabulosos romances já escritos no Brasil’” (JORNAL DO BRASIL, 19.09.1967, p. 3). Em outubro de 1968, quando o movimento estudantil tinha relevância indiscutível no cenário político, o *Correio da Manhã* faz uma reportagem sobre algumas iniciativas dos secundaristas. Um dos jovens ouvidos pelo jornal elenca os brasileiros vivos que mais admira: “Celso Furtado, economista, Antônio Callado, romancista de *Quarup* e o jornalista Otto Maria Carpeaux” (CORREIO DA MANHÃ, 08.10.1968, p. 5).

A atualidade dos temas tratados em *Quarup* é motivo não só para a discussão do engajamento do autor e seu romance com os conflitos de seu tempo, mas também para discutir as transformações que poderiam ocorrer na própria forma do romance a partir de então. O artigo de Barbosa Lima Sobrinho já citado tem como título “Entre o Romance e o Jornalismo” e inicia dando relevância para um fenômeno, segundo ele, daquele tempo: a interpenetração dos gêneros e das atividades literárias. Em *Quarup*, aconteceria a interpenetração da ficção com o jornalismo de forma particularmente instigante, remetendo ora à experiência jornalística do próprio Callado, ora à invenção sofisticada que faria os fatos ganharem valores simbólicos que traduziriam intenções profundas. Essa característica híbrida da obra daria um caráter inovador para o romance, sugerindo os novos caminhos que a arte poderia estar tomando (JORNAL DO BRASIL, 04.09.1967, p. 6).



Quarup era, entretanto, frequentemente mobilizado em uma linha tênue, quando o tema do engajamento da literatura ganhava ênfase. Em mais de um caso, os autores faziam ressalvas quanto à qualidade desse tipo de romance, para em seguida “salvar” *Quarup*, que superaria os riscos panfletários da literatura política. Josué Montello, por exemplo, em dezembro de 1967, destaca o caráter de “arte comprometida” do romance, avaliando este tipo de realismo como uma proposta de influir no pensamento de seus contemporâneos, embora, segundo Montello, em geral, sem sucesso. *Quarup* seria, portanto, um romance engajado, “mas - conclui Montello - tenho a impressão de que, em *Quarup*, o que há, acima de tudo, é o escritor, no pleno domínio de sua expressão artística. Daqui a tempos, superada a realidade transitória que inspirou seu protesto”, a linguagem de *Quarup* seria estudada (JORNAL DO BRASIL, 14.12.1967, p. 6). O romance de Antônio Callado, nesse sentido, mais do que ligado estritamente às questões sociais e políticas do seu tempo, estaria no limiar de transformações que ocorriam na própria forma literária, que se expressava, naquele momento, no engajamento, mas que o superaria.

As encruzilhadas nas quais a forma literária se encontrava, entretanto, assim como a situação política e social do país, não apareciam como caso resolvido, particularmente para o próprio Antônio Callado. Em uma nota que também destaca a atividade jornalística do autor como referência para a construção de seus romances, Callado é entrevistado e declara:

o romance achará sua saída, que poderá ser a do relato jornalístico como a de Truman Capote, no *A Sangue-Frio*. Mas essa forma só se cristalizará com a nova forma que a própria sociedade tomará. O romance não está decadente sozinho: há toda uma estrutura em decomposição influenciando sobre ele (JORNAL DO BRASIL, 01.08.1967, p. 25).

Callado imprime nessa breve declaração uma percepção sobre as transformações centrais que a literatura atravessava em meados do século. O seu próprio romance era encarado como o limiar de algumas dessas transformações.⁶ Alguns anos depois, *Quarup* é novamente mobilizado para discutir, mais do que a sociedade brasileira, a situação da literatura no Brasil – deixando evidente que, além de expressão da crise social e política brasileira, o romance expressava também certa crise da arte literária no Brasil. Em 1974, em uma reportagem sobre a dificuldade que as editoras teriam em publicar e vender autores novos, o escritor Antônio Torres faz um diagnóstico parcial da situação, que leva em conta a perda de interesse nos

⁶ Um dos ensaios incontornáveis que discute certos aspectos dessas transformações é “Posição do narrador no romance contemporâneo”, que Theodor W. Adorno publica em 1954 (ADORNO, 2012).



problemas nacionais: o que estaria por trás disso é “uma nação que, parece, de repente, deixou de acreditar em si mesma. Perdeu a autoconfiança”. Torres cita as discussões em torno das questões nacionais nas obras de Callado, Glauber Rocha, José Celso e Plínio Marcos. E conclui: “hoje o sucesso é *Kung Fu*. Deu pra entender? Livro nacional não interessa porque os problemas nacionais não interessam” (JORNAL DO BRASIL, 15.08.1974, p. 43).

Em pelo menos duas ocasiões depois de 1976, Glauber Rocha mobiliza *Quarup* para interpretar a sociedade e a cultura brasileira do período. Em junho de 1976, em uma entrevista publicada no *Jornal do Brasil*, Glauber Rocha faz uma avaliação similar a que vimos expressa por Antônio Torres. Entretanto, observa nuances perspicazes. Glauber acha curioso que, embora o romance brasileiro estivesse em crise, as ciências sociais estariam em um momento fortíssimo, com excelentes pesquisas, teses etc. Segundo o cineasta, o mesmo não aconteceria com a arte brasileira, particularmente a ficção e a poesia: “nunca a ficção e a poesia brasileiras estiveram em tão grande crise. O último grande romance publicado no Brasil foi *Quarup*, de Antônio Callado, e isso há 15 anos” (JORNAL DO BRASIL, 26.06.1976, p. 26) Embora tenha exagerado no tempo que o separava da publicação do livro (na verdade, cerca de 9 anos, o que talvez realce a distância histórica que os separavam...), o sentimento é evidente: algo aconteceu para que se interrompesse um certo desenvolvimento artístico no país.

Dois anos depois, em 1978, novamente Glauber mobiliza *Quarup* para historicizar a arte e a cultura brasileira, indicando a centralidade do romance de Callado ainda dez anos depois de publicado. Aqui, o cineasta é mais explícito sobre alguns fatores que estariam na base de um certo declínio do romance brasileiro: dificuldades editoriais, a censura, a dominação cultural estrangeira. Entretanto, ele vai além, e recua no tempo, identificando a encruzilhada do romance brasileiro principalmente a partir de 1945:

Outra explicação que encontro é a própria crise ideológica brasileira devido à restauração liberal democrática que houve a partir de 1945 e que degenerou a literatura numa arte de propaganda política ou de consumo comercial, levando o intelectual até a ter medo da aventura criativa. Além da censura de Estado e do comércio, há ainda a censura dos próprios meios intelectuais: ‘o sujeito não deve romper os parâmetros de comportamento’. O ciclo do grande romance brasileiro, que começa com *O Guarany* de José de Alencar, fecha-se, portanto, com *Quarup*, de Antônio Callado e *Maíra*, de Darcy Ribeiro (JORNAL DO BRASIL, 15.06.1978, p. 41).

O que essas declarações podem sugerir é como *Quarup* era lido como um ponto de inflexão para a literatura brasileira. Entretanto, os desdobramentos estéticos que esta inflexão



poderia engendrar teriam sido limitados ou reorientados pelo fechamento ainda mais severo da circulação de ideias imposto a partir de dezembro de 1968.

3 CALLADO E OS GENERAIS

É evidente que o Ato Institucional número 5, de dezembro de 1968, resultou numa ruptura significativa para os problemas que estamos tentando desenhar aqui. Se continuamos a tomar *Quarup* como indício das transformações que ocorreram no período, podemos sugerir como houve um silenciamento sobre os aspectos dessa crise brasileira e de uma crise da literatura que eram postos à luz a partir de *Quarup*. Antônio Callado é detido e interrogado em janeiro de 1969 e sofre um processo, baseado nos dispositivos do AI-5, pela cassação de seus direitos políticos e de exercer a atividade jornalística; o processo se arrasta até maio de 1970. Os debates sobre os significados de *Quarup*, que se desdobravam no final de 1968 nas notícias sobre a preparação de uma adaptação do romance para o cinema por Glauber Rocha, desaparecem das páginas dos jornais, para praticamente só reaparecerem em maio de 1969, na verdade com o anúncio de Glauber sobre o adiamento dos planos de filmar o romance e de seu afastamento do Brasil por um tempo indefinido (JORNAL DO BRASIL, 08.05.1969, p. 22). Algumas notas sobre as traduções de *Quarup* na Europa e nos Estados Unidos também são publicadas, mas, embora o romance ainda apareça em algumas listas de livros mais vendidos, e mesmo considerando o tempo transcorrido desde sua primeira edição, as únicas descrições do enredo perdem o caráter polêmico dos anos anteriores e adquirem uma feição abstrata, numa espécie de desconversa sobre as questões principais do romance: “o drama existencial de um jovem padre que emerge para a vida em toda a sua plenitude, no romance do Brasil de hoje” (JORNAL DO BRASIL, 18.10.1969, p. 47).

Quando Antônio Callado é levado para ser interrogado em janeiro de 1969, a preocupação dos investigadores militares parece ter sido, principalmente, sua atividade jornalística. Nos documentos reunidos em torno do processo levado a cabo contra Callado, são mencionados e anexados dois artigos de opinião de Callado publicados no *Jornal do Brasil*, um texto publicado na revista francesa *Les Temps Modernes* sobre as Ligas Camponesas e a sequência de reportagens sobre o Vietnã do Norte publicadas no *Jornal do Brasil* em 1968. De fato, a atividade jornalística de Callado há algum tempo tinha um caráter engajado e posicionado sobre as questões políticas e sociais do seu tempo, como já mencionamos. As



reportagens do final dos anos 1950 e início dos anos 1960, além daquelas sobre a guerra do Vietnã, apresentavam uma estratégia discursiva que não escondiam o ponto de vista do repórter-narrador⁷.

No caso das reportagens em Pernambuco, um posicionamento explícito a favor das medidas de reforma agrária, das políticas de educação baseados nas experiências de Paulo Freire e contrários ao poder dos latifundiários e das oligarquias locais. Nas reportagens sobre a guerra do Vietnã, a preocupação caminhava em descrever a atuação dos Estados Unidos no país como uma agressão imperialista, assim como descrever o esforço de um país que há vinte anos enfrentava exércitos invasores, desde a guerra contra o domínio francês. Como mostra Lilian Juliana Martins, o modo de exposição desses posicionamentos de Callado possibilitariam a apresentação de uma maior complexidade da situação objeto das reportagens e de sua construção no texto, enquanto as reportagens pretensamente “imparciais” se restringiriam a seus próprios pontos de vista, supostamente e enganosamente ausentes sob o imperativo da “neutralidade”⁸.

Callado já havia sido preso em 1964, quando participou de uma manifestação para denunciar o golpe que ocorria no país. Desde então, Callado era frequentemente notado nos relatórios dos serviços de informação das Forças Armadas. O relatório que pede a cassação dos direitos políticos e da atividade jornalística do autor de *Quarup* evidencia um monitoramento desde 1964: estão anotadas participação em manifestações e reuniões, publicação de artigos de opinião, assinatura de manifestos e abaixo-assinados, contatos com João Goulart, Brizola e Miguel Arraes. O texto encaminhado ao presidente da República figura Callado como um elemento perigoso para o modelo vigente desde 1964. O documento identifica Callado como um propagandista da luta armada, da violência contra as instituições e incompatível com a ordem do regime. Queremos chamar a atenção como o relatório limitava a atividade de Callado a uma atividade de propaganda, o que contrasta com a complexidade e amplitude pela qual a obra de Callado era encarada por aqueles que a discutiam nos jornais que examinamos anteriormente:

⁷ Para uma análise do contexto de realização das reportagens e das estratégias discursivas mobilizadas por Callado, ver a tese já citada de Lilian Juliana Martins (MARTINS, 2018).

⁸ A comparação entre as reportagens traduzidas das agências norte-americanas que foram publicadas no Brasil e as reportagens de Callado evidenciam esse aspecto (MARTINS, 2018, p. 129-134).



Quanto ao indiciado Antônio Carlos Callado, é elemento esquerdista, e dado à prática de atos ostensivos visando à subversão da ordem política e social, pregando a queda do regime e incitando a animosidade entre as classes sociais e as Forças Armadas. Os artigos de sua autoria, publicados em jornais, pregam a violência, indicam a guerrilha como único processo de reação do povo, atacam as instituições, em particular o Exército, desmoralizando-o e chegando mesmo a propor sua dissolução; durante o inquérito, o indiciado afirmou que hoje ainda escreveria os mesmos artigos, emitindo os mesmos conceitos. Trata-se pois de elemento cujas atividades são contrárias ao regime e às instituições e incompatíveis com os ideais do movimento de março de 1964, ressaltado ainda o fato de que, pela sua própria profissão, utiliza a imprensa, amplo órgão de informação e de influência da opinião pública, como veículos de sua pregação subversiva.⁹

Embora sem recorrer exatamente a falsidades, já que Callado de fato se posicionava pela dissolução da ditadura militar, assim como entendia a luta armada como forma legítima de resistência, o relatório faz uma operação de redução da atividade intelectual do autor. Queremos sugerir como isso tem um impacto na vida cultural brasileira, limitando a discussão da complexidade da “crise brasileira” (cujos indícios vimos nos debates sobre *Quarup*) a uma posição simplificadora e binária. Seus trabalhos de reportagem sobre a guerra de guerrilha no Vietnã, que a interpretam como um fenômeno resultado das condições sociais e políticas daquele tempo, se transformam na indicação da “guerrilha como *único* processo de reação do povo”. Assim, a cassação do direito de expressão de Antônio Callado era não só a proibição da veiculação de suas ideias, mas a imposição de uma imaginação social limitada, na qual haveria somente a “ordem” e a “desordem”. É o tipo de operação característica da polícia política de diferentes regimes e períodos, que atualizariam os dispositivos de uma “caça às bruxas”, voltada a identificar seus alvos como encarnação do Mal que ameaça a existência da sociedade¹⁰.

As respostas do autor no interrogatório de janeiro de 1969, que consta no dossiê sobre Callado da Comissão de Investigação Sumária do I Exército, dão uma dimensão dessa operação redutora sobre sua atividade. O autor de *Quarup* não nega nenhuma das “acusações” feitas a ele, mas, corajosamente, problematiza e redimensiona as insinuações dos interrogadores, embora tais respostas não tenham sido levadas em conta no relatório que pedia sua cassação. O olhar para a complexidade da vida social, presente nas suas reportagens e em *Quarup*, se repete diante dos seus algozes, mas o olhar binário dos investigadores só sublinha onde se confirma uma “identidade” monolítica e superficial.

⁹ *Dossiê Antônio Callado*. Fundo do Conselho de Segurança Nacional. Arquivo Nacional. fl. 9.

¹⁰ Para uma análise desse tipo sobre a polícia política brasileira, entre os anos 1945 e 1964, remetemos ao artigo de Luciana Lombardo Costa Pereira (PEREIRA, 2004).



Os interrogadores perguntam se Callado não acredita que esses artigos podem incitar a população contra as Forças Armadas, mas Callado se mostra pessimista: “respondeu que ainda considera muito grande a apatia das massas brasileiras para que possam ser incitadas por artigos de jornal, mas espera que tais artigos contribuam para esclarecer o povo quanto a necessidade de conquistar um controle maior, democrático, sobre a maneira de governar o Brasil”. Ainda sobre o impacto de seus artigos sobre a população, Callado descreve sua posição minoritária na imprensa brasileira que, em grande medida, tinha apoiado o golpe de 1964¹¹: “no próprio jornal em que escreveu esses artigos, sua opinião é singularmente isolada. Quem lê no Jornal do Brasil um artigo como ‘a merenda dos generais’ leu tal artigo num jornal que mantém opiniões diametralmente opostas à opinião do depoente”.

Quando Callado é perguntado sobre o conteúdo dos artigos em que questiona a permanência dos militares no governo, e até mesmo a existência do exército, o autor de *Quarup* não só reafirma sua posição como explica seus fundamentos, descrevendo o que deveria ser a função das Forças Armadas: “respondeu que: seu intuito é caracterizar o fato de que as Forças Armadas de qualquer país tem como missão manter a ordem e defender o país contra alguma agressão externa e que quando invadem o terreno político estão fora do seu papel e merecem críticas as mais severas”. Antônio Callado tenta ainda, nos limites de um interrogatório, explicar o que significaria uma reforma agrária em um país como o Brasil: sem ceder a simplificações, Callado considera a diversidade territorial do Brasil e a necessidade da desapropriação de terras nas regiões mais populosas e empobrecidas do país: “num país das dimensões do Brasil teria que adotar mais de um tipi, digo, tipo de reforma da estrutura agrária. Na zona populosa e miserável do nordeste do Brasil, por exemplo, ela teria que assumir uma fórmula severa de desapropriação da terra”.¹²

Curiosamente, não se menciona o *Quarup* no interrogatório, assim como não parece haver, nos documentos do inquérito de Callado, referências extensas ao romance, a não ser sua caracterização como “autor de *Quarup*”. Ainda assim, temos uma imagem fugaz de como as

¹¹ É o caso do próprio *Jornal do Brasil*, no qual Callado publica os artigos em questão, que só começa a se afastar editorialmente do governo militar a partir de 1968 (MARTINS, 2018, p. 46). Entretanto, ainda em 1969, uma reorientação interna do *Jornal do Brasil* define a “prudência” e o “bom-senso” para o tratamento dos assuntos políticos (KUSHNIR, 2012, p. 44-45).

¹² As passagens são transcrições do interrogatório de Antônio Callado, que pode ser encontrado no Arquivo Nacional, no dossiê já citado disponível no Fundo do Conselho de Segurança Nacional, fls. 48, 49 e 50.

instituições militares podem ter lido *Quarup* e formado alguma opinião. Esta imagem é característica dessa operação de redução do olhar sobre a complexidade da vida social e cultural brasileira que estaria sendo mobilizada nesse período. Neste sentido, a lógica que a organização não difere daquela que orientava os investigadores do inquérito contra Callado. Em uma matéria no jornal *Correio da Manhã*, de maio de 1969, é relatada uma conversa de Alfred Knopf, editor da tradução de *Quarup* nos Estados Unidos, com o então embaixador brasileiro em Washington, Mário Gibson Barbosa. Segundo a matéria, o embaixador teria feito “violenta carga” contra o romance de Antônio Callado. Suas palavras não poderiam ter sido mais simbólicas: “o pior romance já escrito em língua portuguesa” (CORREIO DA MANHÃ, 09.05.1969, p. 3).

4 CONCLUSÃO: BAR DON JUAN E CLARICE

Em 1971, Antônio Callado publica *Bar Don Juan*. As primeiras páginas narram a saída da prisão de um casal, no Rio de Janeiro, onde tinham sido torturados para falar da relação com grupos que resistiam à ditadura. O homem insiste em saber de sua companheira a descrição do policial que a tinha torturado. Depois de conseguirem lembrar um pouco, ele passa tardes em frente a delegacia, tentando identificar qual daqueles policiais que saíam pela porta seria aquele que procurava. Quando finalmente o encontra, segue-o pelas ruas até um bairro popular da cidade, identifica o prédio onde mora o policial, observa-o pela janela e imagina uma vingança. Possivelmente são algumas das páginas mais fortes do livro, que narra um grupo que se envolve na luta armada e se desloca para o centro-oeste do Brasil, para formar um foco guerrilheiro ou se juntar a Che Guevara na Bolívia. A inexperiência desses jovens e a dedicação dos órgãos policiais faz a tentativa ser um desastre (CALLADO, 2001).

A primeira edição do livro é rapidamente esgotada. Mas quase nada aparece nos jornais que antes discutiam sobre *Quarup*. Sem mencionar a luta armada, nem as cenas de tortura figuradas no romance, o *Jornal do Brasil* anuncia *Bar Don Juan* e seus personagens que “se perdem, encontram-se (...) tornam a perder-se”, caracterizados como “intelectuais engajados, boêmios, cínicos e diletantes, todos com uma série de dramas pessoais, de acusações e autocríticas” (JORNAL DO BRASIL, 24.04.1971, p. 53). Em vez de ensaios sobre o livro, *Bar Don Juan* é comentado quando sua segunda edição é indiretamente proibida de circular. Em 27 de agosto de 1971, lê-se que alguns exemplares teriam sido levados da editora por agentes da Censura Federal e o editor da Civilização Brasileira, Ênio da Silveira, buscava junto ao



delegado os motivos de tal medida (JORNAL DO BRASIL, 27.08.1971, p. 10). Em mais três ocasiões se noticiam, primeiro, a falta de resposta e, depois, o envio do processo para uma instância superior, adiando mais uma vez a decisão (JORNAL DO BRASIL, 06.12.1971, p. 13; 31.12.1971, p. 16; e 10.02.1972, p. 14). Somente em abril de 1972, anuncia-se que a segunda edição do livro estaria à venda e resume-se seu enredo: “o retrato sincero mas amargo que fixa, de uma clientela de intelectuais engajados e de boêmios curtidos pelo álcool, é uma prova renovada da arte de seu criador, Antônio Callado” (JORNAL DO BRASIL, 11.04.1972, p. 67).

E embora o livro conste em várias listas dos mais vendidos publicadas no jornal, nenhum comentário mais demorado sobre o romance é feito nos meses que se seguem. Uma nota de agosto de 1973 pode dar uma dimensão dos efeitos que as ações da Censura Federal provocavam no período. O jornal informa que o Tribunal Federal de Recursos negou o mandado de segurança impetrado pelos advogados da editora em favor da venda do romance. Segundo o tribunal, não havia nenhum ato por parte do governo que justificasse o sentimento de ameaça. A nota relembra os acontecimentos de dois anos antes: “os dois exemplares foram apreendidos pela Polícia Federal em 1971 ‘para verificação prévia’. E nunca mais se falou no assunto”. O relator do tribunal, entretanto, disse que “não basta o mero receio do paciente” para justificar o pedido dos advogados (JORNAL DO BRASIL, 17.08.1973, p. 12). A imposição do medo, além da censura prévia e da possível colaboração direta dentro das redações dos jornais, teria sido um mecanismo eficaz de restringir o debate público nos meios artísticos e nos jornais naqueles anos.¹³ Embora não tenha sido oficialmente censurado, a apreensão do livro para “verificação” inibiria a discussão pública sobre o livro, ainda que este tenha dividido opiniões, mesmo entre os grupos de esquerda na época (MARTINS, 2018, p. 50). O Estado, com alguma malícia, não se responsabilizava pelo medo dos outros.

Quarup, mesmo depois de alguns anos da sua primeira edição, ainda é listado como um livro bem vendido nas livrarias, mas já não era, evidentemente, assunto frequente nos jornais. Não era mais a novidade a ser debatida nos meios intelectuais, e o medo da censura pode ter limitado algum ensaio tardio mais polêmico. Ainda assim, como já vimos, o romance de Callado tinha se tornado uma referência incontornável para discutir os problemas brasileiros daqueles anos. Algumas vezes, talvez tentando alimentar o espírito crítico dos leitores do jornal,

¹³ Ver o estudo sobre a relação entre jornalistas e censores no período, *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à constituição de 88* (KUSHNIR, 2012).

alguém poderia sugerir a releitura do livro. É o que teria feito, por exemplo, Clarice Lispector em sua crônica num dia de maio de 1972:

E por falar em escritores, estou relendo com gosto trechos do romance *Quarup*, de Antônio Callado. É muito, é muitíssimo excelente. Prende desde a primeira página à última. Eu ia dizer que as leitoras de espírito delicado não o deviam ler, pois trata-se de um livro franco, realmente sem meias palavras em matéria de fatos. Mas resolvi, muito pelo contrário: as de espírito delicado também o devem ler, para ficarem menos delicadas, para se fortalecerem. Vida é vida, e não adianta fugir: quando a gente foge, ela corre atrás. É melhor ir de encontro a ela. É mais bonito para uma pessoa. (JORNAL DO BRASIL, 27 de maio de 1972, p. 37).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Editora 34, 2012.

CALLADO, Antônio. *Bar Don Juan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CALLADO, Antônio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CHAGAS, Pedro Ramos Dolabela. “Sobre a origem histórica da diversidade do romance brasileiro contemporâneo (uma leitura de *Quarup* como ‘romance de arquivo’)”. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v. 3, n. 1, p. 237-264, 16 Jul. 2014.

CHIAPPINI, Ligia. “Nem lero, nem clero: historicidade e atualidade em *Quarup* de Antônio Callado”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. v. 2, n. 2, 1994. p. 97-108.

CHIAPPINI, Ligia. *Antônio Callado e os longes da pátria*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CORREIO DA MANHÃ. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

JARDIM, Eduardo. *Tudo em volta está deserto: encontros com a literatura e a música no tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

JORNAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 88*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARTINS, Lilian Juliana. *Antônio Callado jornalista: a narrativa da grande reportagem e o ideal do Brasil possível*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru, 2018.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. “Polícia política e caça aos comunistas: repressões e pressões sobre o movimento operário no Rio de Janeiro (1945-1964)”. In: MATTOS, Marcelo



Badaró (org.). *Trabalhadores em greve, polícia em guarda: greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto/Faperj, 2004.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

SCHWARZ, Roberto. “Cultura e política, 1964-1969”. In: *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.